

O Desenvolvimento da Criatividade na Escola: possibilidades e implicações

Solange M. Wechsler

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O objetivo deste trabalho foi o de demonstrar as várias possibilidades de trabalho com a criatividade na escola. Com este propósito foi feita uma revisão de dissertações sobre o este tema, realizadas nos últimos três anos no programa de pós-graduação em psicologia escolar da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Através dos resultados obtidos nas pesquisas apresentadas, onde foram estudados sujeitos de várias faixas etárias, utilizando-se escalas, testes ou programas específicos de treinamento, ficou comprovado que é a criatividade traz inúmeros benefícios, não só para o rendimento escolar como também para o comportamento e atitudes dos estudantes e professores. Conclui-se que o psicólogo escolar pode desempenhar um importante papel no desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar, o que remete, portanto, à questão da criatividade na própria formação deste profissional.

Palavras chave: Criatividade, aprendizagem, escola, psicologia escolar, pesquisas em criatividade, testes de criatividade.

Abstract

The development of creativity in the school: possibilities and implications

The purpose of this study was to demonstrate the various possibilities of working with creativity in the schools. In order to achieve this goal, a review was done of the masters' dissertations undertaken in the last three years at the graduate school psychology program of the Pontifical Catholic University of Campinas. The results obtained from the referred research, where subjects from various ages were studied, using scales, tests, or specific training programs, indicated that creativity brings great benefits not only for school achievement but also as a way of modifying students and teachers' behaviors and attitudes. In conclusion, it was remarked the school psychologist's role to develop creativity in the schools, leading to the question of the presence of creativity in the training of this professional.

Key words: Creativity, learning, schools, school psychology, creativity research, creativity tests.

Ao falarmos de escola e criatividade, inicialmente parece que estamos tratando de assuntos opostos ou antagônicos. A educação têm sido questionada, em todos os países, justamente por não possuir a característica da criatividade, por não conseguir fazer com que o aluno pense de maneira criativa dado que a ênfase total do ensino é colocada na memorização.

Vários motivos aparecem para explicar esta situação: formação inadequada de professores, quantidade e complexidade do material

curricular, pressões da diretoria da escola, incompreensão dos pais etc. Encontramos afinal, como pano de fundo de todas estas causas, o próprio despreparo do indivíduo para entender, valorizar e lidar com a sua própria criatividade.

Diante desta realidade com a qual nos deparamos, é necessário então questionar a necessidade e a possibilidade de trazermos a criatividade para a sala de aula.

Em primeiro lugar, devemos aqui definir a nossa conceituação de criatividade, provinda dos mais recentes debates dos estudiosos da área. O último encontro realizado em Buffalo, Nova York (Center for Creative Studies, 1990) sobre o estado da arte neste tema, levou à conclusão de que a criatividade é um fenômeno

Endereço para correspondência: PUCCAMP, departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Rua: Waldemar César da Silveira, 105, CEP 13045-270, Campinas, SP.

multifacetado, originado de múltiplas fontes: cognitiva, emocional, social, interpessoal e irracional. Assim sendo, estamos lidando com um conceito bastante abrangente, que pode ser considerado sob diversos prismas e que traz e sofre impacto das mais diferentes áreas da vida do indivíduo.

Deve a escola, portanto, se preocupar com a criatividade dos seus estudantes? Ao considerarmos a noção de aprendizagem e como um ato onde se encontram elementos cognitivos, emocionais e sociais, que interagem para trazer a motivação e o envolvimento com a tarefa, trazendo como consequência o aprender, podemos concluir que é inevitável se trabalhar com criatividade na sala de aula.

Encontramos neste ponto, o grande desconhecimento sobre o que é a aprendizagem criativa, ou criatividade dentro do currículo regular. Infelizmente, ainda nos dias de hoje, prevalece a noção de que a criatividade está exclusivamente ligada à área de Artes. Assim sendo, ela não poderia estar presente em qualquer outra área como Português, Matemática, Ciências, História, Geografia etc. Portanto, uma das principais características da criatividade, que é o pensamento divergente, que busca novas hipóteses para explicar fatos conhecidos, está totalmente ausente no ensino.

Dada a importância da criatividade no aprender, temos voltado nossos estudos para esta área. Decidimos pesquisar de que maneiras trazer a criatividade para a sala de aula, ora ligando-a com o currículo regular, ora treinando os professores para ensinar criativamente, ou ainda investigando os recursos dos alunos para aprender com criatividade.

Nos últimos três anos desenvolvemos uma linha de pesquisa sobre este tema, a nível de estudantes de Mestrado, que se encontravam cursando a pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os nossos trabalhos têm abrangido desde a pré-escola até a universidade, utilizando métodos quantitativos e qualitativos de coleta de dados, envolvendo

programas experimentais ou pesquisas de levantamento.

Temos também investigado não só aspectos cognitivos como também os emocionais envolvidos com a criatividade, considerando a estreita relação que existe entre este e a saúde mental, de acordo com a nossa revisão de estudos na área (Wechsler, 1993). Desta maneira, as variáveis que temos utilizado em nossas pesquisas referem-se aos seguintes aspectos da criatividade:

- a. Fluência: Quantidade de idéias relevantes
- b. Flexibilidade: Categorias diferentes de idéias
- c. Originalidade: Idéias incomuns
- d. Elaboração: Embelezamento das idéias
- e. Emotividade: Aspectos emocionais demonstrados
- f. Fantasia: Presença do imaginário
- g. Perspectiva interna: Aspectos internos das idéias
- h. Perspectiva incomum: Representações incomuns
- i. Combinações: Síntese de idéias
- j. Extensão de limites: Inconformismo ao estímulo
- k. Títulos expressivos: Essência criativa da idéia
- l. Uso de contextos: Preocupação com o ambiente
- m. Analogias: Comparações entre idéias
- n. Movimento: Cinestesia e dinâmica das idéias

Estas variáveis tem sido objeto das nossas investigações através de diferentes instrumentais, mas principalmente nos Testes de Pensamento Criativo de Torrance (1966), que foram validados para a população brasileira em nossos estudos anteriores (Wechsler, 1993).

Nossos programas para o desenvolvimento da criatividade na escola apoiam-se, portanto, no modelo cognitivo, pessoal e social que envolve o conceito de criatividade, visando um objetivo principal que é a atitude da pessoa criativa. Relataremos, a seguir, algumas das dissertações sobre este tema, desenvolvidas sob nossa orientação, que trazem contribuições im-

portantes para aqueles que se preocupam com a melhoria da educação e o preparo dos nossos futuros cidadãos.

Um trabalho direcionado para a pré-escola, buscando propor formas para a sua melhoria, sob um aspecto preventivo e criativo, foi realizado por Bertonha (1995). Com este objetivo, foram estudadas 26 crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 5 a 6 anos, em escolas particulares de Campinas. A proposta de intervenção oferecida aos professores do grupo experimental foi um programa para o desenvolvimento das características da pessoa criativa, composto de 6 sessões para planejamento de aulas criativas, que seriam ministradas em conjunto pela pesquisadora e pela professora. As medidas utilizadas para pré e pós teste abrangeram o Teste de Pensamento Criativo Figural de Torrance e desenhos livres das crianças, que eram colhidos em entrevistas individuais. Os resultados encontrados demonstraram aumento significativo em duas das características criativas, que foram Movimento e Títulos Expressivos. A conclusão obtida através da análise qualitativa (relatos dos professores) e da quantitativa, indicou a urgente necessidade de se desenvolver programas criativos na pré-escola tanto para os professores quanto para as crianças, afim de que se observe um crescimento significativo na criatividade desde os anos iniciais escolares.

A influência do contar e ouvir histórias na criatividade infantil foi a preocupação expressa na dissertação de Bighetti (1995). Foi hipotetizado que a "Técnica Criativa de Contar Histórias", elaborada por Torrance (1970), que aponta atividades a serem realizadas antes, durante e após a leitura, traria mais efeitos sobre a criatividade do que o simples contar histórias, de maneiras assistemática. Neste sentido foi coletada uma amostra de 52 crianças de ambos os sexos, estudantes da terceira série do I grau, em escolas públicas da região de Campinas, com idades variando de 8 a 13 anos. O grupo experimental recebeu 8 sessões, onde foram contadas histórias de cunho clássico e psi-

copedagógico utilizando-se a Técnica de Torrance, enquanto que o grupo controle ouviu as mesmas histórias contadas de forma assistemática. Os instrumentos utilizados envolveram redações livres, duas atividades do Teste de Criatividade Verbal de Torrance, e perguntas abertas. A análise quantitativa indicou ganhos significativos para o grupo experimental nas variáveis de Fluência, Flexibilidade, Elaboração e Emoção, assim como um grande interesse pelos temas, evidenciado nos relatos dos sujeitos. Conclui-se pela necessidade de procurar tornar o hábito de contar histórias mais freqüente e mais sistemático nas classes de primeiro grau, devido à sua repercussão imediata no interesse pela leitura.

O domínio da escrita representa um passo importante na escolarização infantil. Entretanto, a grande parte da produção infantil reflete um aspecto descritivo de temas escolhidos pelos professores. Como tornar a escrita mais criativa ou de que maneiras estimular crianças a produzirem textos mais criativos, foi o problema escolhido para investigação na pesquisa de Bamp (1995). Com este propósito foi colhida uma amostra composta de 31 crianças de ambos os sexos, idades variando de 9 a 15 anos, cursando a quarta série do primeiro grau em escolas de cunho municipal e estadual da região de Campinas. O programa oferecido ao grupo experimental, composto de 11 sessões, ocorreu na disciplina de Português, onde o conteúdo escolar foi oferecido pela pesquisadora utilizando o "Modelo de Incubação para o Ensino", desenvolvido por Torrance e Safter (1990), que visa estimular as características da personalidade criativa dentro de cada disciplina. O instrumental para avaliação de pré e pós-teste constou de Teste de Criatividade Verbal de Torrance e redações livres. Os resultados apontaram ganhos significativos na área de Flexibilidade e acréscimo em outras variáveis criativas, embora não significativos. O grupo controle apresentou uma queda geral nos indicadores criativos. Concluiu-se pela imensa importância de se iniciar programas que visem o

estímulo a criatividade na escrita afim de se prevenir quedas de interesse e produtividade nesta área, perdas estas que são corroboradas por resultados de outros estudos sobre este tema.

É possível trazer a poesia a sala de aula? Como estimular o interesse pela poesia e, ao mesmo tempo, aumentar o interesse pela Língua Portuguesa, na sua forma escrita e falada? Como demonstrar a importância da poesia como um poderoso veículo para a expressão emocional? Estes foram os desafios propostos para a investigação de mestrado de Bragotto (1994). A adolescência foi a fase escolhida para estudo, devido ser esta a fase onde mais despontam os conflitos emocionais e de procura da identidade. Assim sendo, a amostra foi colhida entre estudantes de quinta série do primeiro grau, com idades variando de 12 a 18 anos, freqüentando escolas públicas do município de Limeira. O grupo experimentou passou por 12 sessões, administradas pela pesquisadora, onde eram demonstradas e encorajadas as expressões através da poesia, em suas diversas formas: escrita, narrada, cantada e dramatizada. Os textos produzidos nas sessões eram trabalhados com a professora de Português, que também recebia orientações para as aulas. Vários instrumentos foram utilizados para avaliar pré e pós teste, como um questionário de atitudes frente à poesia com temas iniciais: Se eu fosse ou se eu pudesse, e algumas atividades do Teste de Criatividade Verbal de Torrance. A qualidade de expressão poética foi verificada por juizes. Os resultados quantitativos e qualitativos demonstraram ganhos em quase todas as variáveis de criatividade, e uma mudança de atitude geral frente à importância da poesia como expressão emocional e como ajuda inquestionável no ensino do Português.

Ao passarmos pelas diversas etapas do ensino, resta a questão da universidade. O que acontece com a criatividade que o aluno leva para o ensino do terceiro grau. É ela estimulada ou desencorajada pelos professores universitários? Qual é a importância da criatividade

para a expectativa de trabalhos dos futuros profissionais? As respostas para estas questões, no ensino da Psicologia, foram a fonte para a pesquisa de dissertação de Nogueira (1992). Com este objetivo, a amostra foi composta de 100 estudantes de Psicologia, na faixa etária de 18 a 25 anos, que cursavam do segundo ao quinto ano de uma universidade particular no estado de São Paulo. Como instrumental para levantamento de dados foram escolhidos: Teste de Criatividade Figurativo de Torrance, questionário sobre expectativas profissionais, e perguntas abertas. Os resultados encontrados demonstraram a estreita relação entre criatividade e uma expectativa positiva de futuro profissional. Observou-se também que a criatividade decai nos anos universitários e que a percepção do estudante de Psicologia quanto a suas possibilidades de atuação, ao terminar a sua formação, é exatamente a mesma que possuía quando da entrada neste mesmo curso.

Os estudos mencionados anteriormente lidaram com crianças e jovens regulares, e leva a questionar o que acontece com o ensino e a aprendizagem de alunos portadores de dificuldades físicas. Quais são os efeitos de deficiências físicas sobre a criatividade? Pode o ensino ser criativo quando é voltado para portadores de dificuldades físicas? A procura pela relação entre estas variáveis gerou o estudo de Moreira (1995) que direcionou a sua investigação para os estudantes epiléticos. Assim sendo, a mostra coletada foi composta de 16 crianças epiléticas e 16 não-epiléticas, de ambos os sexos, com idades de 8 a 15 anos, cursando escolas públicas do estado de Minas Gerais. Os dois grupos foram comparados quanto as suas características de criatividade, de aprendizagem e de expressão emocional, utilizando-se o Teste de Criatividade Figurativo de Torrance e questionário elaborado pelo autor referentes à características de aprendizagem e atitudes emocionais. Os instrumentos foram aplicados individualmente. Os resultados obtidos demonstraram não existir diferenças significativas nos dois grupos quanto ao seu

potencial para a criatividade e a aprendizagem. A expressão emocional demonstrou comprometimentos para o grupo epiléptico. Concluindo, foi indicado que o ensino criativo deve ser voltado para todos os tipos de estudantes, quer sejam ou não deficientes, pois a produtividade nesta área não parece estar ligada a nenhuma deficiência física.

Revisando os resultados obtidos nestas dissertações de mestrado podemos chegar à importantes conclusões. Em primeiro lugar, ficou demonstrado que é possível desenvolver vários aspectos da criatividade na escola. Estes resultados vêm confirmar uma série de estudos feitos no exterior e no Brasil sobre este tema (Wechsler, 1993). Além disto, a possibilidade de se aplicar programas para estimular a criatividade dentro do currículo acadêmico abre inúmeras portas para aqueles que almejam um ensino mais criativo.

Uma conclusão preciosa que decorre destes estudos é o efeito que o ensino criativo traz para a mudança de atitudes dos estudantes. Em todos os trabalhos realizados foi observado que os grupos experimentais estudados demonstraram maior motivação e participação nas salas de aula onde podiam utilizar o que aprenderam nos programas de criatividade. Como consequência desta mudança, ocorreu a melhoria do rendimento acadêmico, onde o aluno passou a ser um elemento ativo e não mais passivo na sala de aula. Portanto, estratégias criativas aplicadas aos currículos acadêmico têm um alto poder de generalização para diferentes áreas.

É importante ressaltar também um crescimento em prol da saúde mental dos estudantes. Através das análises qualitativas pode-se concluir a satisfação que os estudantes dos grupos experimentais demonstravam em relação ao seu próprio crescimento pessoal. A alegria de conhecer melhor o seu potencial criativo e de produzir de maneira que nunca tinha ousado era comumente apresentada nos relatos dos indivíduos destes grupos. Estas observações confirmam a conceituação de criativi-

dade acima apresentada, demonstrando que ela decorre da interação entre elementos cognitivos, emocionais e também sociais, se entendermos que o estudante passa a tornar significativas na aprendizagem partes da sua experiência cultural. Portanto, a criatividade pode ser realmente relacionada com saúde mental e crescimento pessoal.

Os trabalhos apresentados trazem importantes implicações para a formação do psicólogo escolar. Ao concluirmos sobre a necessidade e a relevância do desenvolvimento da criatividade no ensino, cabe perguntar como efetivar esta ajuda ao professor para que esta realidade possa ocorrer. O currículo da escola normal no Brasil já vêm sendo há muito questionado. Entretanto, mesmo que possam ocorrer mudanças significativas no nosso futuro professorado à nível de primeiro grau, restam ainda os profissionais que lecionam no segundo grau e nas universidades. Assim sendo, podemos concluir que esta ajuda para a criatividade poderia ocorrer se, na equipe multidisciplinar da escola, pudessemos contar com a presença do psicólogo escolar. Este profissional, que poderia trabalhar como consultor da equipe docente e administrativa, deveria estar adequadamente preparado para ajudar a escola em como lidar com os aspectos cognitivos, emocionais e sociais relacionados com a aprendizagem.

Concluindo, estas questões remetem-nos à formação do psicólogo escolar e das habilidades necessárias que este deveria possuir ao completar os anos universitários. Tais preocupações já estão fazendo parte das discussões da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e dos congressos promovidos pela mesma, assim como por outras entidades. Não existem dúvidas, entretanto, de que devemos almejar um psicólogo escolar mais criativo e que saiba colaborar para que, no âmbito do seu trabalho, o ensino criativo possa se tornar uma realidade.

Referências

- BAMPI, M. L. F. (1995) *Efeitos de um programa para o desenvolvimento da criatividade na escrita*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- BRAGOTTO, D. (1994) *Programa experimental para o desenvolvimento da expressão poética em adolescentes*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- BERTONHA, R.M. (1995) *Programa para o desenvolvimento da criatividade em crianças pré-escolares*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- BIGHETTI, C.A. (1995) *Efeitos de um programa para o desenvolvimento da criatividade verbal através do contar histórias*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- CENTER FOR CREATIVE STUDIES (1990) *The International Creativity Networking Conference*. Resumos. Buffalo, NY, 7-10 agosto.
- MOREIRA, S.R.G. (1995) *Epilepsia e Criatividade: Um estudo com crianças de rede pública*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- NOGUEIRA, A.B.L. (1992) *Criatividade e percepção do futuro profissional em estudantes de psicologia*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- TORRANCE, E.P. (1966). *Torrance tests of creative thinking*. Lexington, MA: Personal Press.
- _____. (1970) *Creative learning and teaching*. New York, Harper & Row.
- TORRANCE, E.P. & SAFTER, H.T. (1990). *The incubation model of teaching*. New York: Buffalo, Bearly.
- WECHSLER, S.M. (1993) *Criatividade: Descobrimo e encorajando*. Campinas, Psy.